



**O SOCIOLOGO**  
**E A SOCIOLOGIA**

**JACOB (J.) LUMIER**

# O Sociólogo e a Sociologia

Observações complementares ao artigo

Karl Marx e a Sociologia do Conhecimento<sup>1</sup>

Por

Jacob (J.) Lumier



Website Produção Leituras do Século XX – PLSV:

Literatura Digital

<http://www.leiturasjлумierautor.pro.br>

Rio de Janeiro, Novembro de 2009

Esta obra está bajo una licencia Reconocimiento-No comercial-Sin obras derivadas 3.0 Estados Unidos de Creative Commons. Para ver una copia de esta licencia, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/us/> o envíe una carta a Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.

---

1 Internet, Novembro de 2009, pdf 35 págs. link: [http://issuu.com/carlusmagn/docs/leiturasociologica?mode=a\\_p](http://issuu.com/carlusmagn/docs/leiturasociologica?mode=a_p)

---



## **Apresentação**

A era da automatização e das máquinas eletrônicas dá primazia lógica ao conhecimento técnico em um grau muito elevado e as outras manifestações do saber são influídas ao ponto de "tecnificarem-se" tanto quanto possível.

Depois da tecnificação avançada da filosofia, por exemplo, introduzida pelo “*Tractatus Logico-Philosophicus*” (1922), de Wittgenstein, o leitor de filosofia viu-se obrigado a saber manejar uma combinatória prévia com mais de trinta símbolos de uma “sintaxe lógica”, só para acessar as proposições e começar sua leitura. Sem o conhecimento antecipado dessa técnica especialíssima de enunciação torna-se impossível ao leitor de Wittgenstein entrar em contato com a filosofia e com a investigação do objeto oculto de que se ocupa toda a ciência.

As próprias ciências humanas são comprometidas gravemente com as gigantescas organizações de sondagens da opinião pública, de estudos de mercado, etc. as quais apenas se limitam à mecanização e à tecnificação das relações humanas e dos problemas reais que suscitam a vida mental e a vida social atuais, com o objetivo de subordiná-los aos *esquemas prefixados*.



Esta tendência para a tecnificação da filosofia e das ciências humanas deve ser situada no quadro da tecnocracia, e, em seu realismo, o sociólogo se opõe com firmeza à tecnocratização, não só dos conhecimentos e dos controles ou regulamentações sociais, mas das relações humanas <sup>2</sup>. Neste sentido, faz par com o existencialismo de diferentes tendências que constituiu uma tentativa de resistência em nome do Eu, do Outro, das coletividades concretas à tecnificação da filosofia.



---

2 Veja a análise crítica contundente da doutrina dos “Managers” (James Burnham) em Gurvitch, Georges: "**A Vocação Atual da Sociologia-vol.II**: antecedentes e perspectivas ", Lisboa, Cosmos, 1986, 567 pp. (1ª edição em francês: Paris, PUF, 1957), pp.489 a 523; Ver tb. “**Los Marcos Sociales del Conocimiento**”, Monte Avila, Caracas, 1969, 289 pp. (1ª edição em Francês: Paris, Puf, 1966), p.228 e p.233.



---

## O Sociólogo e a Sociologia

---

### Sumário

Apresentação .....	3
O Saber como Controle Social .....	6
Microsociologia do Conhecimento .....	16
As Classes Sociais e seus Sistemas Cognitivos .....	19
Sociologia dos agrupamentos sociais particulares .....	22
Pluralismo da realidade social .....	25
A dialética Sociológica .....	29
Melhoramento Organizacional e Tecnificação do Saber .....	33
A Reificação dos Papéis Sociais .....	39



## O Saber como Controle Social

► Em sociologia é básico que **nenhuma comunicação pode ter lugar sem o psiquismo coletivo** (as consciências são intercomunicadas). **Todo o conhecimento é comunicável** (pelos mais diversos simbolismos sociais) e a língua somente um meio para reforçar a interpenetração e a participação em um todo.

A existência dos conhecimentos coletivos e suas hierarquias ou sistemas cognitivos é igualmente preponderante em sociologia. Nada obstante, o sistema cognitivo é só um aspecto limitado da vida psíquica (psiquismo) que o excede em muito.

Por sua vez, incluindo as opiniões coletivas, as representações, as conceituações, o nível mental é estudado como sendo apenas um aspecto do conjunto, tanto mais incerto quanto os indivíduos mudam de atitude em função dos grupos ou os personagens que os papéis sociais encarnam mudam segundo os círculos a que pertencem.

Falsa é a teoria que imagina representar o conhecimento como abstraído do caráter comunicável ou reduzido ao único aspecto da função cerebral de cognição. São irreduzíveis as "censuras sociais" como elemento de regulamentação presente em princípio nas obras de civilização.



---

Todas as obras de civilização: direito, moralidade, religião, arte, conhecimento, educação, etc. são existentes e seria equivocado atribuir-lhes uma independência e uma ineficácia muito maior do que as mesmas têm efetivamente na engrenagem complexa e constringente da realidade social e seus determinismos.

O psiquismo, as mentalidades são integradas e transferem à realidade social suas emanções subjetivas, para o que concorre o "controle social" pelo conhecimento, pelo direito (espontâneo ou organizado), pelas moralidades, etc. Como disseram, as consciências são intercomunicadas e isto constitui um fato existente que implica os determinismos sociais e sociológicos.

► Conhecimento é todo o juízo que pretenda afirmar a verdade sobre alguma coisa. Ou seja: por conhecimento deve entender-se “os atos mentais em que se combinam a experiência imediata e mediata em diferentes graus com o juízo”.

Quando se fala de mentalidades há que insistir “na oposição entre estados mentais e atos mentais, tanto coletivos quanto individuais”. No terreno desta oposição, os atos são as experiências mais ou menos imediatas que se observam na implicação mútua entre as “experiências de participar no real” (intuições intelectuais) e os juízos assim tornados cognitivos, de que as atitudes (interligadas às tomadas de consciência) são os focos privilegiados. Tratam-se das manifestações mais intensas da consciência aberta às influências do ambiente.

Por sua vez, os estados mentais intelectuais como as representações e a memória, assim como as opiniões coletivas (sempre vacilantes e incertas, a iludirem as chamadas pesquisas de opinião), contrariamente aos atos mentais, *são manifestações da consciência apenas aberta.*



---

Portanto, **é preferencialmente através dos atos mentais que o conhecimento aceita a maior influência dos quadros sociais**, variando com mais segurança em função dos mesmos.

Note-se sobre a aplicação das teorias de consciência aberta em sociologia que a diferenciação e ascensão do conhecimento perceptivo do mundo exterior, que se verifica no estudo dos tipos de sociedades globais e suas estruturas, constituem critério de verificação empírica do caráter não fechado da mentalidade coletiva (manifestação de consciência aberta às influências da ambiência).

Desta forma, na ascensão do conhecimento perceptivo do mundo exterior observa-se, por exemplo, que, quando estava “em último lugar” no sistema cognitivo, o que acontecia no quadro da sociedade feudal, o conhecimento perceptivo do mundo exterior tinha como expressões a “ausência de perspectiva na arte, o plissamento das cidades e dos povoados em si mesmos, em sua arquitetura e sua disposição”, estando assim em acordo com o caráter fechado da mentalidade coletiva naquele tipo de sociedade global.

Como veremos adiante, esta situação muda nas sociedades que dão à luz o capitalismo, em especial no sistema cognitivo da classe burguesa.

► Ao estudar as variações do saber, “o sociólogo do conhecimento não deve colocar nunca, como já o mencionamos, o problema da validade e o valor propriamente dito dos signos, símbolos, conceitos, idéias, juízos”, mas deve apenas “constatar o efeito de sua presença, de sua combinação e de seu funcionamento efetivo”.

Colocar o saber em perspectiva sociológica ou apenas analisar a perspectiva sociológica do conhecimento como fato é descobrir as variações. A atitude do sociólogo do conhecimento nada tem a ver com

---



---

“as ilusões introspectivas” com que alguns autores projetaram para a sociologia o “problema epistemológico” da psicologia.

► Em sociologia, estudam-se os sistemas cognitivos a partir dos tipos de sociedades globais decompondo-os segundo as classes do conhecimento que, por sua vez, podem ser (a) – mais profundamente implicados na realidade social – o conhecimento perceptivo do mundo exterior, o conhecimento de outro e o conhecimento de senso comum, estudados nesta seqüência; (b) – menos espontaneamente ligadas aos quadros sociais ou cuja ligação funcional requer o diálogo e o debate: como é o caso para o conhecimento técnico, o conhecimento político, o conhecimento científico e o conhecimento filosófico.

O conhecimento perceptivo do mundo exterior é privilegiado e dá conta das perspectivas recíprocas sem as quais não há funções estritamente sociais, enquanto os demais conhecimentos já são classes de conhecimento particular, já são funções correlacionadas dos quadros sociais e pressupõem aquele conhecimento perceptivo do mundo exterior.

Onde se verificarem as classes do conhecimento mais profundamente implicadas na realidade social (o conhecimento perceptivo do mundo exterior, o conhecimento de outro e o conhecimento de senso comum) descobre-se a simples manifestação dos temas coletivos – os Nós, os grupos, as classes sociais, as sociedades.

Daí o saber como controle ou regulamentação social, ou seja: o conhecimento aparece como obstáculo ao avanço real desses temas de que tomamos consciência, é constringente como aquilo que suscita os esforços e faz participar no real, levando desse modo à configuração da



funcionalidade dos quadros sociais como reciprocidade de perspectivas, aos quais são essas classes de conhecimento as mais espontaneamente ligadas.

No âmbito da sociologia deve-se ultrapassar a objeção de que os conhecimentos e a mentalidade coletiva que lhes serve de base só poderiam vincular-se às sociedades globais e às classes sociais.

Essa objeção assenta no pressuposto dogmático de que tais quadros sociais operariam sobre o saber que corresponde às manifestações da sociabilidade, e o fariam como uma força tal que modificariam completamente as tendências cognitivas dos grupos e das manifestações da sociabilidade como quadros sociais <sup>3</sup>.

Para o sociólogo importa que idéias tão abstratas como as de tempo e de espaço estão a cada momento da sua história em relação íntima com a estrutura social correspondente. Da mesma maneira, se aprende com Durkheim que as categorias lógicas são sociais em segundo grau... não só a sociedade as institui, mas constituem aspectos diferentes do ser social que lhes servem de conteúdo... O ritmo da vida social é que se encontra na base da categoria do tempo; é o espaço ocupado pela sociedade que forneceu a matéria da categoria do espaço; foi a força coletiva que criou o protótipo do conceito de força eficaz, o elemento essencial da categoria de causalidade... O conceito de totalidade é, afinal, a forma abstrata do conceito de sociedade <sup>4</sup>.

---

3 Gurvitch, Georges (1894-1965): “Los Marcos Sociales Del Conocimiento”, Trad. Mário Giacchino, Monte Avila, Caracas, 1969, 289 pp. (1ª edição em Francês: Paris, Puf, 1966). Pág.23.

4 Ver (Gurvitch, Georges (1894-1965): “Problemas de Sociologia do Conhecimento”, In Gurvitch (Ed.) et Al. ”Tratado de Sociologia - Vol.2”, Trad: Ma. José Marinho, Revisão: Alberto Ferreira, Iniciativas Editoriais, Porto 1968, págs.145 a 189 (1ª edição Em Francês: PUF, Paris, 1960).



► Não se pensa que nossa disciplina seja complicada. Basta chegar à aceitação da existência de conhecimentos coletivos para que se transponha o umbral da sociologia do conhecimento – sem qualquer exigência de esoterismo intelectual para adentrar a disciplina, embora haja obstáculos a ultrapassar para chegar ao umbral da mesma.

Tal simples aceitação dos conhecimentos em marcha dos temas coletivos reais, nos coloca imediatamente diante do fato do conhecimento com eficácia, em correlações funcionais, logo, traz a descoberta dos quadros sociais como intermediários entre os atos humanos e as obras de civilização ou, de modo especial, os quadros sociais como sedes da vinculação entre os conhecimentos e a mentalidade coletiva que lhes serve de base.

Simplificando, poderíamos até dizer que desses quadros sociais cada um de nós participa e todos Nós participamos na medida em que tomamos consciência do “Eu” participante, pois, exercendo a reflexão mediante o diálogo e o debate em torno dos **temas coletivos reais** como os Nós, os grupos, as classes, as sociedades, já atualizamos de modo especial uma mentalidade coletiva, já nos encontramos em busca de colocar o conhecimento em perspectiva sociológica, já nos defrontamos com o problema sociológico do acordo ou desacordo do saber e do quadro social.

► A postura do sociólogo do conhecimento nada tem a ver com “as ilusões introspectivas” com que os epistemólogos projetam para a sociologia o “problema epistemológico” em psicologia.

Embora seja reconhecido que os quadros conceituais operativos da sociologia do conhecimento são passíveis de identificação aos quadros

---



sociais, certos autores parecem avaliar isso negativamente e insistem em desconsiderar que essa identificação em perspectiva procede de uma dimensão mesma do conhecimento e não de alguma pretensa “estruturação ativa por parte do sociólogo”.

Tal identificação em perspectiva aos quadros sociais é como disse uma *dimensão do próprio conhecimento* que, todavia, além de reconhecer, o sociólogo compreende e operacionaliza como o **coeficiente existencial do conhecimento**, tirando daí, desta constatação de fato, seu procedimento básico de análise e interpretação.

Desta forma, a colocação do conhecimento em perspectiva sociológica favorece as ciências como atividade prática na medida em que pode certamente propiciar a diminuição da importância do coeficiente existencial do conhecimento pela tomada de consciência.

Neste sentido, a sociologia é privilegiada como pesquisa das variações do saber.

O coeficiente existencial do conhecimento inclui os coeficientes humanos (aspectos pragmáticos, políticos e ideológicos) e os coeficientes sociais (variações nas relações entre quadros sociais e conhecimento).

Fala-se de coeficiente no sentido preciso do fator numérico correspondente à quantificação ou ao grau com que, neste caso, a qualidade humana subjetiva pode interferir como variável funcional na objetividade e verificação dos juízos cognitivos.

O estudo do conhecimento perceptivo do mundo exterior classificará esse elemento subjetivo irreduzível do conhecimento humano (posto em decorrência da qualidade humana por mais construída e controlada que seja a experimentação): são as *amplitudes concretas* onde estão



imbricadas as imagens do mundo exterior (inclusive os objetos das demais classes do conhecimento).

Para resgatar a coerência desse conjunto de imagens do mundo, a análise sociológica diferencial observa então que “as percepções das amplitudes se diversificam”, sendo apontados dois “critérios essenciais” (a) o da “relação com o sujeito”; (b) o da “função do caráter mesmo da amplitude percebida”.

Na aplicação do critério (a) se especificam os caracteres das amplitudes, os quais dão a coloração humana às imagens do mundo exterior, seguintes: (1) a amplitude áutica (que se identifica com o sujeito); (2) a amplitude egocêntrica (penetrada pela emotividade do sujeito); (3) a amplitude projetiva (que se distancia do sujeito, p.ex. a amplitude morfológico-ecológica, ou as amplitudes dos aparelhos organizados e dos modelos e símbolos que limitam sua eficácia); (4) as amplitudes prospectivas, que são as mais distanciadas do sujeito e as mais próximas à amplitude real conjectural.

Já o critério (b) serve para estabelecer as seguintes distinções: (1) amplitudes difusas ou sem contornos precisos; (2) amplitudes concêntricas ou plissadas sobre elas mesmas; (3) amplitudes que se afrouxam ou se estreitam sem dificuldade <sup>5</sup>.

Essa análise diferencial põe em relevo a consistência da identificação em perspectiva aos quadros sociais como *dimensão do próprio conhecimento*. O sociólogo reconhece e compreende como disse o coeficiente existencial do conhecimento, mas não inventa e elabora sobre a constatação de *uma significação humana básica*, a saber: **a força de**

---

<sup>5</sup> Cf. Gurvitch, Georges: “Los Marcos Sociales del Conocimiento”, trad. Mário Giacchino, Caracas, Monte Ávila, 1969, 289 pp (1ª edição em Francês: Paris, PUF, 1966).



**atração** do "mundo dos produtos" e demais recursos e instrumentos que compõem a base morfológica da sociedade. Os conjuntos práticos não são inertes, nem o mundo dos produtos uma "matéria exterior" indiferente.

Sem dúvida, na elaboração da explicação em sociologia, o sociólogo descreve e aplica diversos procedimentos relativista-dialéticos de intermediação que ele encontra na própria realidade social descoberta, para fazer ressaltar o acordo ou desacordo do conhecimento em correlações funcionais com os quadros sociais.

Essa atitude de descrever correlações exclui qualquer "invencionismo" e não induz a "deformação" alguma, mas como se sabe pode certamente favorecer a diminuição da importância do coeficiente existencial do conhecimento pela tomada de consciência.

A liberdade humana seja escolha, decisão ou criação, antes de se limitar ao indivíduo, em particular ao sociólogo, se afirma também nas manifestações coletivas as quais estruturam a realidade social descoberta pelo sociólogo.

A sociologia é tanto uma ciência de determinismos sociais como da liberdade humana e, apoiada na teoria da multiplicidade dos tempos sociais, a questão da atitude do sociólogo é um problema de experiência dialética.

► Os sistemas cognitivos compreendem diferentes hierarquias de "classes do conhecimento" entrecruzadas com as diferentes "acentuações das formas" dessas classes – observadas no âmbito mesmo dessas classes de conhecimento, como veremos adiante.

No centro da sociologia do conhecimento estão, pois, os estudos das estruturas sociais como quadros sociais, já que nelas o saber está em



correlações funcionais e, assim, como sistema cognitivo, desempenha um papel de argamassa, juntamente com as demais obras de civilização – sendo a este “papel de cimentar” as estruturas nos conjuntos reais que se refere a noção de controles ou regulamentações sociais (a realidade social é constringente), papel cimentador este que não deve ser confundido com as obras de civilização elas próprias, as quais ultrapassam este “papel” que é o delas, o qual fora por muitos identificado erroneamente à uma função de adaptação dos espírito às situações existentes.

Se fizéssemos um paralelo com certas observações mais epistemológicas e sistemáticas e menos diferenciais de alguns sociólogos, poderíamos dizer dessa imbricação do saber nas estruturas sociais, como quadros sociais, o que Lucien Goldmann nos diz das “estruturas mentais”: o grupo (as classes sociais) constitui um processus de estruturação que elabora na consciência dos seus membros tendências afetivas, intelectuais e práticas orientadas para uma resposta coerente aos problemas que põem suas relações com a natureza e suas relações inter-humanas (...), tendências essas, elas mesmas, mais ou menos dotadas de uma coerência, que se pode chamar “visão do mundo”, que “o grupo não cria, mas da qual ele elabora os elementos constitutivos e a energia que permite reuni-los”<sup>6</sup>.

Vê-se desta forma que o “problema chave” da sociologia do conhecimento é em toda a evidência o das estruturas de sociedades históricas, isto é: o problema de explicar os quadros sociais das classes e das formas do conhecimento.

---

6 Goldmann, Lucien: “Pour une Sociologie du Roman”, Paris, Gallimard, 1970, 372pp. (1ª edição, 1964), p344 a 349



---

No estudo deste problema se trata de unidades macrossociais privilegiadas que são os Estados, as Igrejas, as classes sociais e as sociedades globais, o que exige examinar as hierarquias das diferentes manifestações do saber, quer dizer, as *hierarquias dos sistemas cognitivos existentes*.

Além disso, tem-se a compreensão epistemológica de que “a totalidade, ou melhor, a totalização”, como formação da preeminência do todo (complexo de significações), se manifesta igualmente em *escala microssociológica*, nos diferentes Nós, tanto quanto se manifesta nos grupos, nas classes e nas sociedades.

Além disso, a formação da preeminência do todo se manifesta igualmente nos Eu participantes: cada ‘Eu’ participa inevitavelmente dos conjuntos sociais mais diversos que lhe dão aos seus membros os critérios para chegar a uma integração relativa e variada das tendências contrárias ou complementares próprias de toda a pessoa humana e que esta participação corresponde ao problema do “homem total”. (imanência recíproca do coletivo e do individual).

### **Microssociologia do Conhecimento**

► Segundo Gurvitch, esta constatação dos âmbitos da totalização torna imprescindível a microssociologia do conhecimento, havendo uma dialética complexa entre esta última, o âmbito parcial e o global: “as manifestações da sociabilidade, os grupos, as classes sociais, mudam de caráter em função das sociedades globais em que estão integrados; inversamente, as sociedades globais se modificam de cima a baixo sob a influência da mudança de hierarquia e de orientação das primeiras”.



Assim, as manifestações da sociabilidade como fenômenos de mudança social, se encontram “em diferentes graus de atualidade e virtualidade para combaterem-se, complementarem-se ou combinarem-se em cada unidade coletiva real”; são “os fenômenos sociais totais de caráter flutuante ou instável, freqüentemente espontâneos ou anestruturais”, mas que são “utilizados” pelos grupos em seus processus de estruturação”<sup>7</sup>.

Tais manifestações compreendem a Massa, a Comunidade, a Comunhão: “os três graus de fusão ou participação nos diferentes e internamente diferenciados Nós, fusão esta que “não é somente a tomada de consciência da unidade relativa dos Nós, mas é também “a de todo um mundo de significados”, sendo nesta tomada de consciência afirmado o grupo em formação.

Aliás, o mundo de significados acessível à consciência por meio dos Nós seria inacessível de outra maneira, já que, do ponto de vista sociológico, as “relações com outrem” só alcançam as significações que reconduzem aos horizontes limitados de ‘sócios’ e reproduzem os juízos, as idéias, os símbolos dos Nós em que têm sede e, por meio destes, os de um grupo, uma classe social, ou uma sociedade.

► A existência de conhecimentos coletivos coloca para a epistemologia problemas novos que Gurvitch enumera como segue:

(1) o dos temas coletivos reais – os Nós, os grupos, as classes sociais, as sociedades globais, como sujeitos que lutam contra obstáculos (o do próprio co-nhecimento, inclusive) e, por esta via, chegam à tomada de

---

7 Gurvitch, Georges (1894-1965): “Los Marcos Sociales Del Conocimiento”, Trad. Mário Giacchino, Monte Avila, Caracas, 1969, 289 pp. (1ª edição em Francês: Paris, Puf, 1966). Pág.págs. 56, 57.



consciência da validade de seus atos cognitivos e do valor destes últimos em relação com os conhecimentos individuais;

(2) o dos símbolos intelectuais (símbolos sociais intelectuais) “*cujas conceituações são variadas*”; e o da medida de sua veracidade;

(3) o dos “*signos sociais cognitivos não simbólicos*” (os “*tests*” de toda classe) e de sua eficácia. Por sua vez, a sociologia do conhecimento oferece como contribuição à epistemologia suas pesquisas sobre *as variações do papel efetivo do saber nos diferentes tipos de estruturas sociais* e – na medida em que a epistemologia se propõe a resolver o problema do verdadeiro e do falso, ou a aportar uma justificação da validade do conhecimento – a sociologia do conhecimento lhe coloca “*o problema da veracidade ou não de uma multiplicidade quase infinita de perspectivas do conhecimento*” (“ideológicas”, “utópicas”, “mitológicas”, etc., como expressões dos interesses de uma consciência mais “imaginativa” ou mais estendida e mais cambiante do que a média). A epistemologia dirá “*se tais perspectivas são igualmente válidas, ou se algumas delas o são menos que outras*”<sup>8</sup>.

A epistemologia ajuda a sociologia a “*formular tal problema em termos de correlações funcionais*”, facultando-lhe a colocação em perspectiva sociológica do conhecimento e, “*por meio dos conceitos de totalidade, de infinito, de multiplicidade, de pluralidade, de perspectivas e de quadros sociais, assim como de generalidade limitada a estes últimos*”, a epistemologia abre o caminho para uma explicação sociológica das orientações do conhecimento que não se confunde de maneira alguma com o problema da “*distorção*” - problema esse

---

8 Gurvitch, Georges (1894-1965): “Los Marcos Sociales Del Conocimiento”, Trad. Mário Giacchino, Monte Avila, Caracas, 1969, 289 pp. (1ª edição em Francês: Paris, Puf, 1966). Pág.27.



neutraliza-do pela tomada de consciência do mesmo na afirmação do coeficiente humano e social do conhecimento, de tal sorte que não passa de preconceito contra a sociologia do conhecimento o insistir em que a perspectivação sociológica do conhecimento implica em distorção, *sendo inaceitável qualquer debate sobre a “validade” dessa perspectivação, que é uma questão de fatos e não pode ser tomada como invenção do ceticismo e do nihilismo para invalidar todo o saber ou diminuir seu valor.*

### **As Classes Sociais e seus Sistemas Cognitivos**

► As classes sociais são sedes cognitivas de muita complexidade, variedade e virulência; são equiparáveis às sociedades globais quando em estado de classes ascendentes, configurando mundos sociais inteiros; lutam entre elas; operam com força sobre os Estados, sobre as Igrejas e sobre os grupos funcionais; apareceram com as sociedades industriais, no século XVII.

Por outro lado, o sistema cognitivo que corresponde a uma classe não é de maneira alguma absorvido por sua ideologia, que só expressa um aspecto. Ademais, os sistemas cognitivos no caso das classes são antes implícitos do que explícitos e elaborados. Ou seja, a correlação entre as classes sociais e o saber se complica pelo fato de que nem sempre é uma correlação direta, mas, às vezes, é indireta.

Em relação à classe burguesa nota-se, inicialmente, uma série de papéis desempenhados segundo as conjunturas particulares e as épocas, seguintes: papel de vanguarda revolucionária, primeiro; papel de classe moderadora e conciliadora, por etapas; de classe conservadora ou



---

reacionária, mais tarde; e, no início dos anos de 1960, em que temia as revoluções sociais, o papel de “classe fascistizante”, com diferentes matizes.

O sociólogo explica essa série de papéis sociais por um conjunto de critérios que, todavia, considera insuficiente, a saber: a propriedade dos meios de produção, a propriedade das fontes de matérias primas e de capitais financeiros, a que se soma, como elementos constitutivos da classe burguesa, a tendência à dominação dos mercados interiores, coloniais, internacionais ou dos “mercados comuns”.

Segundo Gurvitch, é preciso levar em conta que a classe burguesa se abriu muito a todos os grupos prósperos, trazendo para junto do patronato os magnatas das altas finanças e do comércio de envergadura, as profissões liberais, os altos funcionários da burocracia administrativa e técnica das empresas industriais, dos bancos, dos trustes e cartéis, por fim. Tal é o conjunto de frações que desempenham papel predominante na vida da burguesia sob o regime do capitalismo organizado e dirigista.

Além disso, nessa análise histórico-sociológica e observada em períodos anteriores à sua degenerescência no capitalismo dirigista da primeira parte do século XX, se remarca a distinção de uma consciência de classe otimista da burguesia caracterizada pela confiança em um progresso técnico e econômico ilimitado; pela confiança na harmonia dos interesses de todos, na universalidade dos benefícios do capitalismo e da civilização urbana.

Desta maneira, se põe em relevo a consciência aberta como fenômeno de classe ocorrente no estrato mais afortunado da burguesia em sua época de desenvolvimento, no século XIX, quando pontificava a figura dos “grandes patrões”: bons organizadores e calculadores, além de



---

empresários clarividentes, generosos e filantropos, consciência aberta esta que se contrasta com a consciência coletiva da classe camponesa, redobrada sobre si.

Portanto, será do ponto de vista dessa consciência de classe burguesa, que pretendia prestar-se para a difusão universal atraída que estava pela mais racional e a menos emotiva das ideologias de classe, que se empreende o estudo do sistema cognitivo da classe burguesa considerada como sede propícia do saber.

► Quanto à classe proletária e seu sistema cognitivo há que assinalar sua complexidade nos seguintes aspectos: 1)- é uma classe surgida da composição dos três fatores seguintes: (a)- população mais pobre das cidades, (b)- artesanato arruinado, (c)- camadas inferiores e desintegradas do campesinato; (1.1)- cuja tomada de consciência de classe data somente do princípio do século XIX, com manifestação em diversas doutrinas socialistas e coletivistas, das quais o marxismo de diferentes ordens se tornou dominante depois;

A mentalidade e a consciência coletiva do proletariado, que transbordam sua consciência de classe, implicam as aspirações de um porvir melhor e da revolução social, a consciência das carências, as sucessivas decepções experimentadas, o cansaço, as inquietações provocadas pelas divisões internas, e, finalmente, a indiferença prolongada, que resulta do conflito da classe com seus aparelhos organizados.

O problema do proletariado como quadro social das classes e formas do conhecimento se complica mais ainda em face do seguinte: (a)- das variações da força das lutas das classes; (b)- das formas que tomam essas



lutas; (c)- mais recentemente, em face da ocorrência de tendência para a constituição de frações ou para a ruptura em várias “classes operárias”. (d)- Houve mudança na hierarquia dos grupos integrados na classe operária, que, no passado e ao contrário da classe burguesa, tinha por referência não tanto os estratos econômicos e sua hierarquia que vai “dos melhores pagos aos piores pagos”, nem as aptidões profissionais, mas, notadamente, uma hierarquia cujos critérios eram o papel das elites sindicais, o dos delegados operários de fábrica, o das minorias ativas no âmbito das lutas da classe. (e)- Surgiram nos meados do século XX frações privilegiadas do proletariado, com competências técnicas particularmente importantes para o funcionamento das máquinas, tais como “os reparadores”, e que, por gozarem de alta remuneração e de influência direta sobre a administração, têm a possibilidade de recorrer a uma estratégia nova e específica na defesa de interesses próprios e da classe operária inteira, incluindo os interesses dos sindicatos e seus organismos de controle na empresa.

Segundo a análise sociológica diferencial surgem assim os novos problemas referentes à unidade efetiva da classe proletária sem que se possa chegar a uma conclusão definitiva. Todavia, Gurvitch avalia que essas frações privilegiadas do proletariado não perdem sua consciência de classe, a qual os une aos demais grupos e estratos proletários, de tal forma que é possível tratar a classe proletária como uma sede única de um sistema cognitivo específico, desde que se tenha em conta as variações internas desse quadro social.

\*\*\*

### **Sociologia dos agrupamentos sociais particulares**



Reconhecendo a imanência recíproca do individual e do coletivo, para o sociólogo não há psicologia interpessoal fora da psicologia coletiva e esta encontra seu domínio dentro da sociologia.

Daí a importância do conceito dialético de grupo desenvolvido pela sociologia, tomado como atitude coletiva (Gestalt) envolvendo as mencionadas três escalas dos quadros sociais – a escala dos Nós (escala microsociológica), a dos grupos e classes (escalas parciais), a das sociedades globais e suas estruturas.

► Só é possível falar de grupo quando em um quadro social parcial aparecem as seguintes características: 1) - predominam as forças centrípetas sobre as centrífugas; 2) - os Nós convergentes predominam sobre os Nós divergentes e sobre as diferentes relações com outrem.

Quer dizer, é dessa maneira e nessas condições que o quadro do microcosmo das manifestações de sociabilidade que constitui um grupo social particular pode afirmar-se no seu esforço de unificação como irreduzível à pluralidade das ditas manifestações. Daí a percepção desenvolvida na sociologia e assinalada por Gurvitch de que em todo o microcosmo social há *virtualmente* um grupo social particular que a mediação da atitude coletiva faz sobressair.

O grupo é uma unidade coletiva real, mas parcial, que é observada diretamente, como já foi dito. Essa unidade é fundada exatamente em atitudes coletivas contínuas e ativas; além disso, ***todo o agrupamento social particular tem uma obra comum a realizar, encontra-se engajado na produção das “idéias” como o direito, a moral, o conhecimento, etc., de tal sorte que sua objetivação se afirma reiteradamente como “unidade de atitudes, de obras e de condutas”***,



---

*advindo dessa característica objetivação que o grupo se constitua como quadro social estruturável, com tendência para uma coesão relativa das manifestações da sociabilidade.*

Nota-se, então, no conjunto dos agrupamentos particulares, *uma dialética entre a independência e a dependência a respeito do modo de operar da sociedade global.* Desta forma observa-se que os *grupamentos mudam de caráter em função dos tipos de sociedades globais* em que se integram conforme hierarquias específicas, notadamente conforme a escala dos agrupamentos funcionais.

Seja como for, é essa dialética sociológica de competição e combinação, orientada ora para a independência, ora para a dependência a respeito do modo de operar da sociedade global que justifica em sociologia o estudo separado dos modos de operar regendo os agrupamentos sociais particulares. Da mesma maneira, é essa dialética de competição e combinação que justifica *a percepção do papel essencial* que por via de objetivação os grupos desempenham na unificação pela sociedade global.

Ou seja, o papel dos agrupamentos particulares é não deixar escapar nem a descontinuidade, nem a continuidade entre os dois determinismos, entre o determinismo das classes sociais e o das sociedades globais.

Dessa maneira, a análise sociológica empírica do grupal, isto é, *a análise da escala do parcial na realidade social*, tal como estudada na sociologia diferencial leva a distinguir *seis espécies de agrupamentos funcionais*, seguintes: (1) - *os agrupamentos de parentesco*: clã, família doméstica, família conjugal, lar, etc.; (2) - *os agrupamentos de afinidade fraternal*, que são fundados sobre uma afinidade de



situação, compreendida aí a situação econômica, mas que também podem ser fundados sobre uma afinidade de crença, de gosto ou de interesse: por exemplo: os agrupamentos de idade e de sexo, os diferentes públicos, os agrupamentos de pessoas tendo os mesmos rendimentos ou fortunas; (3) - *os agrupamentos de localidade*: comunas ou comarcas, municipalidades, departamentos, distritos, regiões, Estados; (4) - *os agrupamentos de atividade econômica*, compreendendo todos os agrupamentos cujas principais funções consistem em participação na produção, nas trocas, na distribuição ou na organização do consumo; (5) - *os agrupamentos de atividade não-lucrativa*, como os partidos políticos, as sociedades eruditas ou filantrópicas, clubes esportivos, etc.; (6) - *os agrupamentos místico-extáticos*, como as igrejas, congregações, ordens religiosas, seitas, confrarias arcaicas, etc.

### **Pluralismo da realidade social**

► Seja como for, há um pluralismo social efetivo que norteia a intervenção do sociólogo. Como se sabe, Durkheim não só se afasta do determinismo rigoroso, total, universal, unívoco, mas chega a introduzir no próprio seio da sociologia *o problema da contingência e da liberdade humana coletiva*.

Segundo Gurvitch esse problema só toma sentido pleno na medida em que é colocado em referência à relação dialética entre os diferentes níveis em profundidade da realidade social, começando pela base morfológica e terminando pela consciência coletiva – isto é, em



referência ao pluralismo fundamental da realidade social, incluindo aí a relação dialética entre as escalas microssocial, parcial e global, entre as diferentes hierarquias sociais, bem como entre os diversos agrupamentos sociais, classes sociais, estruturas sociais parciais e globais <sup>9</sup>.

Dessa maneira, a teoria sociológica constrói seu objeto na medida em que delimita a realidade social em *níveis mais ou menos construídos* para estabelecer “conceitos” ou quadros operativos eficazes em vista de dar contas da **pluridimensionalidade** da realidade social.

Segundo Gurvitch, *o estudo das combinações móveis dessas camadas seccionadas somente tem lugar se for feito antes que intervenha sua unificação no determinismo sociológico parcial* regendo os agrupamentos particulares e as classes sociais. Note-se que, para esse autor, a *anterioridade* desse estudo das camadas seccionadas se resguarda da arbitrariedade do chamado “corte epistemológico” praticado nas metodologias abstratas exatamente por verificar a dialética dos níveis de realidade como combinada àquela outra dialética das três escalas. <sup>10</sup>

Desse modo, se poderá diferenciar dez patamares em profundidade, seguintes: 1) - a superfície morfológica e ecológica; 2) - os aparelhos organizados; 3) - os modelos sociais; 4)- as condutas coletivas regulares; 5)- as tramas dos papéis sociais; 6)- as atitudes coletivas;

---

9 Gurvitch, Georges (1894-1965): “A Vocação Actual da Sociologia –vol.II: antecedentes e perspectivas”, tradução da 3ª edição francesa de 1968 por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos, 1986, 567 pp. (1ª edição em francês: Paris, PUF, 1957).

10 Ver: Lumier, Jacob (J.): Psicologia e Sociologia: "O Sociólogo como Profissional das Ciências Humanas", E-book, OEI, 2008, 158 págs. Ver Nota Complementar às págs.69 sq. Link: <http://www.oei.es/noticias/spip.php?article2005>



7)- os símbolos sociais; 8)- as condutas coletivas inovadoras; 9)-as idéias e valores coletivos; 10)- os estados mentais e atos psíquicos coletivos -cabendo sublinhar que é maior a dificuldade de acesso quanto mais profundo ou espontâneo é o nível estudado.

Para aclarar o arranjo dessas camadas subjacentes, suas combinações móveis em hierarquias específicas múltiplas a sociologia de Gurvitch leva em conta que as alterações nesses planos de conjunto estão na origem das mudanças fundamentais no interior das estruturas, e que, portanto, igualmente a estas, as camadas subjacentes se movem nos tempos sociais, por meio dos quais admitem princípios de equilíbrio.

Vale dizer as camadas subjacentes admitem graus diversos de mediação entre o contínuo e o descontínuo, entre o quantitativo e o qualitativo, o reversível e o irreversível, constituindo seqüências de microdeterminismos sociais que se combatem e sofrem desajustes nas cadências dos seus movimentos. Nada obstante, essas seqüências chegam a arranjos em hierarquias múltiplas e variadas, por efeito da dialética entre a escala do microssocial, a escala do parcial e a escala do global, de tal sorte que as hierarquias figuram como criações do esforço de unificação.

O recurso da dialética é imprescindível para a intervenção do sociólogo e demais profissionais das ciências humanas que em suas atividades sociais regulares se relacionam ao *aspecto instituinte da vida social*, como as *condutas efervescentes* que muitas vezes emergem nos diálogos, debates, reuniões, assembléias, etc.



A existência dos conflitos reais entre os aparelhos organizados, as estruturas propriamente ditas e, enfim, a vida espontânea dos grupos desenvolveu a percepção sociológica que relativiza os *controles sociais*.

Vale dizer, não se pode preservar o conceito de *instituição* como práxis e coisa, como “maneiras de ser” e “jeitos objetivados de se ver” e aí desconhecer a dialética: *os atos individuais ou coletivos não se deixam reduzir à objetivação nos conteúdos ou obras de civilização*: o direito, a moral e o conhecimento variam em função dos quadros sociais. E mais do que as mudanças estruturadas são exatamente as *variações* na realidade social que o sociólogo busca e a sociologia explica.

Na mirada pró-atuação, nossa disciplina põe em relevo as suas **linhas de intervenção positiva** para o reconhecimento do individual e para o enriquecimento da vida social dos grupos pela descoberta da realidade social.

Neste sentido sobressai o aproveitamento da noção antidogmática de *mumificação do discursivo*<sup>11</sup> que inclui a “*interiorização das normas*” como *obstáculo à capacidade instituinte tornando problemático o termo instituição*, deste ponto de vista considerado demasiado estreito.

Além disso, autores igualmente praticantes da mirada desdogmatizadora adotaram a recusa da aplicação sociológica de “*instituição*” como termo cristalizado que se limita a designar o instituído, a coisa estabelecida, as normas já presentes, o estado de fato confundido ao estado de direito, tornando desse modo cada vez mais escondido o aspecto instituinte da vida social<sup>12</sup>.

---

11 Ver: Gurvitch, Georges (1894-1965): “*Dialectique et Sociologie*”, Flammarion, Paris 1962, 312 pp., Col. Science.

12 Ver: Lourau, René: ‘*A Análise institucional*’, tradução Mariano Ferreira, Petrópolis, editora Vozes, 1975, 296 pp. (1ª edição em Francês: Paris, ed. De Minuit, 1970). Ver: GABEL,



O sociólogo está atento para evitar as “*fossilizações sociais*” que já são constatadas nas análises de Saint-Simon e, a partir dele, constituem através da noção gurvitcheana de *mumificação do discursivo* um conceito sociológico abrangendo a psicologia coletiva na sociologia, tendo serventia justamente para verificar e ultrapassar os **obstáculos à percepção** das transformações no interior das estruturas.

### A dialética Sociológica

► Desse modo, para estudar a realidade social e aí entrever os conflitos reais entre os aparelhos organizados, as estruturas propriamente ditas e, enfim, a vida espontânea dos grupos, a sociologia faz recurso à dialética como instância privilegiada da visão de conjuntos de tal sorte que o conceito de estrutura se revela o mais dialético, com os atos não se reduzindo à objetivação nas obras de civilização.

Neste sentido, embora forme par junto ao existencialismo na resistência à tecnificação da filosofia e dos controles sociais, a sociologia dialética nada tem a ver com o ceticismo e afirma-se bastante diferente dos posicionamentos dogmáticos e preconceituosos de Jean Paul Sartre.

Há um **ceticismo** e um **pessimismo** exagerado levando Sartre a tratar os conjuntos práticos, a dimensão social da existência (que a sociologia descobre em estado de realidade social) como ameaçada de cair na inércia e na dispersão das séries.

---

Joseph: “*Sociología de la Alienación*”, trad. Noemi Labrune, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1973, 225pp. (1ª edição em Francês, Paris, PUF, 1970).

---



Tanto mais que, para este autor a sociedade não é um macrocosmo de agrupamentos, mas uma dispersão das *séries de séries* (séries de manifestações particulares, séries de fatos<sup>13</sup>), cuja combinação é para ele contida sob a designação de “*coletivo*”, de tal sorte que os grupos e as classes sociais - tidos como os primeiros focos da “práxis comum” - são eles mesmos ameaçados de dissolução nas séries.

Por contra, o ponto de vista sociológico reconhece que o processamento dialético é essencialmente depuração de um conhecimento sob a pressão de uma experiência com a qual ele se defronta. A introdução da dialética nas ciências exatas foi feita em relação ao seguinte: (a) - para abrir um acesso em direção ao que é escondido, ao que é dificilmente possível; (b) - para renovar experiência e experimentação; (c) - para tornar essencialmente impossível a esclerose dos quadros operativos.

No dizer de Gurvitch trata-se, então, de uma dialética que não é nem uma arte de discutir e de enganar, nem um meio de fazer a apologia de posições filosóficas preconcebidas - sejam elas denominadas racionalismo, idealismo, criticismo, espiritualismo, materialismo, fenomenologia, existencialismo. Tal a dialética experimental e relativista, recorrendo à especulação para melhor adaptar os objetos do conhecimento às profundezas do real<sup>14</sup>. O mesmo valendo para um importante filósofo da cultura científica como Gaston Bachelard, quem começou a introduzir a dialética complexa desde o ano de 1936 (“*La Dialectique de la Durée*”) e notou que a dialética é ligada a

---

13 As *Séries* para Sartre, compondo a sua noção de *coletivo*, compreendem em sua dispersão (a) – as relações de afastamento; (b) – a solidariedade mecânica no sentido durkheimiano; (a) – a coleção dispersa de indivíduos seguindo o mesmo modelo, (c) – as Massas.

14 Gurvitch, Georges: “*Dialectique et Sociologie*”, Paris, Flammarion, 1962, 312 pp., col. Science



procedimentos operativos que tornam relativo o aparelho conceitual de toda a ciência <sup>15</sup>.

Gurvitch relaciona os cinco procedimentos operativos nos quais se manifesta o método dialético na seguinte ordem: *1º)- a complementaridade dialética, 2º)- a implicação dialética mútua, 3º)- a ambigüidade dialética, 4º)- a polarização dialética, 5º)- a reciprocidade de perspectiva*. Na descrição desses procedimentos, o tópico posto em relevo é a diferença entre a disposição da experiência nas ciências da natureza, a qual visa conteúdos que, neles mesmos, nada têm de dialéticos, por um lado e, por outro lado, a experiência arregrada em sociologia, a qual, por sua vez, visa conteúdos dialéticos, como o é a própria realidade social. Em sociologia, a experiência é o esforço dos homens, dos Nós, dos grupos, das classes, das sociedades globais para se orientar no mundo, para se adaptar aos obstáculos, para os vencer, para se modificar e modificar seus entornos.

Para que o processamento dialético aconteça é preciso que haja o problema de um conjunto, de uma totalidade real. Não há dialética em relação a certos extremos que se podem juntar e que não têm sentido uns sem os outros tais como o pólo Norte e o pólo Sul, o Oriente e o Ocidente, o pólo positivo e o pólo negativo da corrente elétrica, o branco e o negro, o alto e o baixo, o dia e a noite, o quente e o frio, o inverno e o verão, a direita e a esquerda, etc., extremos esses que nada têm a ver com a complementaridade dialética e já acessíveis por eles mesmos.

Quer dizer, os “procedimentos discursivos” se revelam inteiramente suficientes e o método dialético nada tem a ver nisso. No procedimento

---

15 Bachelard, Gaston: “*La Dialectique de la Durée*”, Paris, Press Universitaire de France-PUF, 1972, 151 pp., 1ª edição 1936.



operativo da complementaridade dialética, por sua vez, se trata de desvelar a aparência de uma exclusão recíproca dos termos ou dos elementos contrários que se revelam à clarificação dialética como irmãos siameses, duplos se afirmando uns em função dos outros e, desse fato, adentrando os mesmos conjuntos, os quais podem ser conjuntos de gêneros muito diferentes.

Nas ciências da natureza a *dialética de complementaridade* se propõe simplesmente a mostrar a relatividade e a insuficiência dos conceitos contrários, utilizados para exprimir um conjunto conceitual que não se consegue delimitar de outra maneira.

Tratando-se ainda de conjuntos conceituais e não dos conjuntos reais, nota-se na sociologia que os tipos microsociais, os tipos de agrupamentos, os tipos de classes sociais e os tipos de sociedades globais se apresentam de início compreendidos numa dialética de complementaridade.

Gurvitch põe em relevo o caráter mais coerente desses últimos conjuntos conceituais em face daqueles considerados nas ciências da natureza, já que as tipologias sociológicas devem servir para estudar não só “um conjunto conceitual que não se consegue delimitar de outra maneira”, mas os *conjuntos reais* que se engendram eles mesmos em um movimento dialético direto, limitando-se a complementaridade unicamente como uma etapa preliminar de dialetização.

Quer dizer: (1)- posto que os tipos sociais são construídos em função uns dos outros, eles exigem a clarificação da implicação mútua; (2)- posto que eles podem tornar-se tão simétricos, eles devem ser postos em reciprocidade de perspectiva; (3)-possibilidades essas que não excluem



que eles possam entrar em contradição e assim exigir a clarificação dialética da polarização.

Essas exigências de aplicação dos outros procedimentos operativos a mais da complementaridade dialética em sociologia é verdadeira, quando se trata não só dos quadros conceituais operativos, mas das manifestações dos conjuntos sociais reais eles mesmos, tais como os Nós, os grupos, as classes, as estruturas, as sociedades globais.

Na apreciação dos três gêneros de complementaridade dialética, Gurvitch nota a caracterização de um jogo de compensações, sendo contemplados casos (a) - de relações entre Eu, Outrem e Nós; (b)- de relações entre as manifestações da sociabilidade, os grupos e as sociedades globais; além de (c)- aspectos dos patamares em profundidade da realidade social <sup>16</sup>.

Embora não substitua a explicação em sociologia, a dialética ajuda a evitar toda a dogmatização de uma situação, toda a solução de facilidade, toda a sublimação consciente ou inconsciente, todo o isolamento arbitrário, toda a parada do movimento da realidade social.

\*\*\*

## **Melhoramento Organizacional e Tecnificação do Saber**

---

16 Ver: Gurvitch, Georges (1894-1965): “*Dialectique et Sociologie*” op. cit, págs. 249 sq.



## Crítica dos Programas de Melhoramento Organizacional como Instrumentos da Tecnificação dos Controles Sociais

► Seja como for, é certo que nas engrenagens da realidade em que a sociologia descobre os determinismos sociais não estão excluídos os traços do capitalismo organizado e dirigista notado na segunda metade do século XX, tais como *a sujeição dos homens e dos grupos às máquinas* (fordismo, taylorismo), a destruição das estruturas sociais e das obras de civilização por técnicas cada vez mais independentes.

Em relação ao conhecimento técnico, a análise sociológica volta-se com certeza para evitar os mal-entendidos que estimulam a identificação com a tecnologia e para dimensionar a especificidade do conhecimento técnico, notadamente em nossa época, tendo em conta o histórico das técnicas em suas correlações com os quadros sociais.

Procura-se evitar a representação de certas filosofias espiritualistas e sua idéia de racionalidade abstrata, assinalando contra essas tendências que o conhecimento técnico não é simplesmente o conhecimento dos métodos empregados para alcançar os fins ideais. Além disso, evita-se também a afirmação do positivismo vulgar, que equipara o conhecimento técnico a um conhecimento científico aplicado, que seria caracterizado por sua elaboração e por sua transmissibilidade.

Em contrapartida, há que sublinhar o caráter irreduzível do conhecimento técnico, que é um conhecimento “sui generis”, inspirado e penetrado pelo desejo de dominar os mundos da natureza, do humano e da sociedade; desejo de manejá-los, de manipulá-los, de comandá-los a



fim de produzir, destruir, salvaguardar, organizar, planificar, comunicar e difundir.

Portanto, *o conhecimento técnico é uma parte constitutiva da práxis e se integra diretamente nas forças produtivas*. Mas não se limita só ao conhecimento da manipulação da matéria nem se identifica com a tecnologia, já que é um conhecimento explícito enquanto se transmite, e implícito enquanto se exerce como habilidade e manipulação, sendo desprovido da exclusividade das competências tecnológicas, que são restritas aos seus detentores.

O domínio do conhecimento técnico é incomparavelmente mais vasto que o manejo da matéria e como insiste Gurvitch abarca todas as manipulações eficazes, as quais, todavia, tendem a independizar-se e a valorizar-se como manipulações precisas, transmissíveis e inovadoras.

É na observação das variações dos graus do conhecimento técnico dentro de um mesmo tipo de sociedade que a análise sociológica ressalta a importância dos segredos técnicos como critério cognitivo da especificidade dessa classe de conhecimento. Constata-se que, na sua distribuição dentro de um mesmo tipo de sociedade, os graus mais altos ficam para os “experts”, que são os possuidores dos segredos técnicos, enquanto os graus mais baixos são atribuições dos executantes de ordens recebidas, dos grupos de ofício ou dos simples homens.

É este caráter específico do conhecimento técnico, esta sua distributividade em função dos seus próprios segredos que torna a importância do conhecimento técnico desigual e inesperada para os distintos tipos de sociedades globais.

Nada obstante, já mencionamos que a Era da automatização e das máquinas eletrônicas dá *primazia lógica* ao conhecimento técnico em um



grau tal que “*todas as outras manifestações do saber são influenciadas ao ponto de tecnificar-se tanto quanto possível*”<sup>17</sup>.

O problema atual é a *tecnificação do saber como controle social*, que atinge as relações humanas, prejudica a sociabilidade, haja vista a **desidentificação** daí decorrente. Incumbe, pois, ao sociólogo resgatar a realidade social passando em análise a tecnificação imposta aos controles sociais reconhecidos nas ambiências das organizações produtivas.

► Todavia, algumas precisões se fazem sentir. Há na literatura sociológica uma noção extensiva de tecnificação aplicada para designar o aprofundamento na utilização das *técnicas mecanizadas* no mundo do trabalho.

Desta forma, agrupam-se sob o termo *tecnificação* várias alterações com características diferentes, seguintes:

(a) – as mudanças que incidem sobre a força de trabalho, assinalando o surgimento de inúmeras especializações e funções anteriormente inexistentes, surgidas com as novas exigências de qualificação profissional que superam os parâmetros antes validados pelo **fordismo**/toyotismo, requisitando trabalhadores flexíveis em sua formação e atuação nas empresas, procurando-se **valorizar** o desenvolvimento de competências técnicas, culturais e sociais;

(b) – as mudanças que incidem sobre os atributos técnicos para o desenvolvimento dos processos produtivos, notando que os segmentos industriais ou de serviços passam a necessitar trabalhadores capacitados para exercer funções diversificadas no ambiente laboral com agilidade

---

17 Gurvitch, Georges: “Los Marcos Sociales del Conocimiento”, trad. Mário Giacchino, Caracas, Monte Avila, 1969, 289pp (1ª edição em Francês: Paris, PUF, 1966). Cf.págs. 230 sq. OP.cit.



---

no domínio das tecnologias de ponta, destreza para manusear máquinas e equipamentos sofisticados;

(c) – as que incidem sobre a capacidade intelectual para dominar os procedimentos de gerenciamento desenvolvidos pelos novos programas de qualidade e melhoramento dos processos de produção.

Em realidade, o que interessa mais de perto ao sociólogo como profissional atuante em meio à tensão do plano organizado e do espontaneísmo social, é a **tecnificação dos controles sociais** que os novos *programas de melhoramento* promovem ao intervirem sobre os procedimentos de gerenciamento.

Neste sentido, embora pressupondo a *subordinação às máquinas* que acompanha a introdução, o desenvolvimento pelo fordismo e o taylorismo, e o aprofundamento das *técnicas mecanizadas* nas fábricas (inclusive com o concurso de tecnologias eletrônicas), a **tecnificação em estrito senso é diferenciada como certa maneira de manipular o conhecimento socialmente efetivo: é a tecnificação do controle social pelo saber.**

Ou seja, a tecnificação dos controles que atinge as relações humanas nas organizações, sobretudo visa desmontar as sintaxes existentes para impor os esquemas previamente definidos.

Portanto, o que *o sociólogo põe em questão é a primazia lógica na concepção e no modo de intervenção dos programas de melhoramento.* O que conta não é o conteúdo desses *programas* em seus propósitos ideológicos, não são as representações de modelos organizacionais idealizados que os inspiram sob a forma de presumidas teorias administrativas.



Há, nos mesmos, um desejo de manipular o conhecimento já aplicado nas **sintaxes** em vigor social, em uso nas ambiências onde as práticas gerenciais se desenvolveram e foram assimiladas no **histórico dos planejamentos**.

Daí, nos *programas de melhoria*, a relevância das pesquisas ou dos levantamentos de informações como ferramentas para a tecnificação do saber, como imposição de **esquemas prévios**, no molde dos formulários que intervêm sobre a compreensão das funções (atribuições, tarefas, hierarquias) exigindo a submissão aos mapeamentos previamente definidos e muitas vezes estranhos aos vocabulários operativos em uso.

O que caracteriza esses *programas* é que são aplicados não só como intervenções exógenas e de cima para baixo, mas é o fato de que os mesmos deixam de lado *a possibilidade de vincular suas intervenções ao desenvolvimento espontâneo das expectativas*.

Como sabe o sociólogo, a possibilidade de integrar um *programa de melhoria* ao desenvolvimento espontâneo é assegurada graças ao fato comprovado em sociologia de que as **expectativas ligam-se ao esforço coletivo antes de se ligarem aos papéis sociais**<sup>18</sup>, no caso, ligam-se ao **histórico dos planejamentos**.

Ao desprezarem esse conhecimento sociológico, os tecnocratas aplicadores dos programas de melhoria procedem à **imposição de esquemas prévios**.

Por contra, a intervenção do sociólogo se fazendo *a-posteriori*, o aproveitamento do **histórico dos planejamentos** adquire alta relevância.

---

18 Ver as observações de Gurvitch sobre as sociedades arcaicas em: Gurvitch, Georges (1894-1965): “A Vocação Actual da Sociologia –vol.II: antecedentes e perspectivas”, tradução da 3ªedi  o francesa de 1968 por Orlando Daniel, Lisboa, Cosmos, 1986, 567 pp. (1ªedi  o em francês: Paris, PUF, 1957).



Tanto mais que, no sentido abrangente deste termo, como sintaxe social, são incluídos os mapas das coordenações setoriais, os mapas estratégicos dos departamentos, as formulações de missões e objetivos da empresa, enfim todos os instrumentos de controle operativo das funções nos mais diversos níveis de uma organização produtiva.

O sociólogo se opõe à tecnificação do saber repelindo o caráter prévio, *a-priori* concebidos, dos esquemas aplicados naqueles *programas de melhoramento*. Portanto, são esquemas elaborados à revelia e à contrapelo da realidade social existente (que a tecnocracia deseja manipular). Daí a "**desidentificação**" em face da ambiência coletiva, tornada esta não só indiferente, mas insignificante, ensejando daí uma situação nociva à vida social e às relações humanas que o sociólogo busca evitar, sanear e ultrapassar.

### A Reificação dos Papéis Sociais

► Com efeito, Berger e Luckmann <sup>19</sup> nos mostram que os universos simbólicos são passíveis de cristalização segundo processos de “*objetivação, sedimentação e acumulação do conhecimento*”. Levam a um mundo de produtos teóricos que, todavia, **não perde suas raízes no mundo humano**, de tal sorte que os universos simbólicos se definem como **produtos sociais que têm uma história**.

Desse modo, se quisermos entender seu significado temos de entender a história da sua produção, em termos de objetivação, sedimentação e

---

19 Cf. Berger, Peter e Luckmann, Thomas: “*A Construção Social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*”, trad. Floriano Fernandes, Rio de Janeiro, editora Vozes, 1978, 4ª edição, 247 pp. -1ª edição em Inglês, New York, 1966. Ver as págs. 247 sq.



---

acumulação do conhecimento. A “*função nômica*” do universo simbólico é que põe cada coisa em seu lugar certo, permitindo ao indivíduo retornar à realidade da vida cotidiana.

A análise dos processos de legitimação por Berger e Luckmann tem em conta que nas objetivações em que as teorias são observadas com a função nômica surge a questão de saber *até que ponto uma ordem institucional, ou alguma parte dela é apreendida como uma faticidade não-humana*, sendo essa a ***questão da reificação da realidade social***.

Trata-se de saber se o homem ainda conserva a noção de que, embora objetivado, o mundo social foi feito pelos homens e, portanto, pode ser refeito por eles. É a reificação como grau extremo do processo de objetivação, extremo esse no qual o mundo objetivado perde a inteligibilidade e se fixa como uma faticidade inerte. Os significados humanos são tidos, então, em opacidade, como produtos da natureza das coisas.

Quer dizer, redescobrimo dentro da análise sociológica a psicologia coletiva (que compreende a subjetividade humana como aspiração aos valores em escala coletiva) chega-se à reificação como uma modalidade da consciência, de tal sorte que mesmo apreendendo o mundo em termos reificados o homem continua a produzi-lo - paradoxalmente, o homem é capaz de produzir uma realidade que o nega.

Em conseqüência, visando a integração em um quadro de referência global, a análise pelos autores nota que **a reificação é possível no nível pré-teórico e no nível teórico da consciência**: os sistemas teóricos complexos podem ser descritos como reificações, embora presumivelmente tenham suas raízes em reificações pré-teóricas – a reificação existe na consciência do homem da rua e não deve ser limitada



---

às construções dos intelectuais. Tal a dialética interligando a sociologia do conhecimento e a psicologia coletiva.

Repelindo a intromissão das avaliações morais, admite-se que seria um engano considerar a reificação como uma perversão de uma apreensão do mundo social originariamente não reificada: a apreensão original do mundo social é consideravelmente reificada tanto em nível formativo da linguagem quanto da realidade.

Em contrapartida, prosseguem Berger e Luckmann, a apreensão da própria reificação como modalidade da consciência depende de uma **desreificação** ao menos relativa da consciência, exigência sociológica esta que, como qualidade advinda na subjetividade (aspiração coletiva aos valores), é um acontecimento comparativamente tardio.

Completando seu esquema de análise em intenção da intervenção do sociólogo, os autores mencionados notam que as instituições podem ser apreendidas em termos reificados quando se lhes outorga um status ontológico independente da atividade e da significação humanas. Quer dizer, através da reificação o mundo das instituições parece fundir-se com o mundo da natureza.

Da mesma maneira, os papéis sociais podem ser reificados e tornarem-se alheios ao reconhecimento, de tal sorte que o setor da autoconsciência que foi objetivado num papel é então também apreendido como uma fatalidade inevitável, podendo o indivíduo estranhado negar qualquer responsabilidade no círculo das suas relações (no sentido da identificação idiopática afirmando a consciência do *sujeito que identifica Outrem ou Nós consigo próprio*).

Quer dizer, a **reificação dos papéis** estreita a **distância subjetiva** que o indivíduo pode estabelecer entre si e o papel que desempenha. E os



---

autores completam: a distância implicada em toda a objetivação se mantém, evidentemente, mas a distância atingida pela *desidentificação* vai se reduzindo até o ponto de desaparecer. A conclusão é de que a análise da reificação serve de corretivo padrão para as tendências reificadoras do pensamento teórico em geral, e do pensamento sociológico em particular.

\*\*\*

FIM DO ARTIGO O SOCIÓLOGO E A SOCIOLOGIA



©2009 [Jacob \(J.\) Lumier](#)



Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV:  
Literatura Digital

<http://www.leiturasjлумieraуtor.pro.br>



Websitio Produção Leituras do Século XX – PLSV: Literatura Digital  
<http://www.leiturasjлумieraуtor.pro.br>

